

Os bancos estrangeiros discordam de Galvães

A afirmação de que "o tempo trabalha a favor dos devedores", feita pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvães, não corresponde exatamente ao ponto de vista de representantes de bancos estrangeiros, embora, de modo geral, eles concordem que o Brasil não precisa ter pressa em reiniciar a renegociação da dívida externa, o que só é esperado para meados do segundo semestre. A prime rate, taxa de juros cobradas pelos bancos norte-americanos, subiu nos últimos meses de 11,0% para 12,5% ao ano, atraindo as taxas praticadas no mercado financeiro de Londres.

Para os próximos meses, os representantes de bancos credores não identificam sinais de queda das taxas

de juros. Ao contrário, até o mês de novembro, quando serão realizadas eleições nos Estados Unidos, o governo deverá continuar financiando seu déficit fiscal com a colocação de títulos públicos. A política monetária deverá manter-se apertada como tem sido até agora. "Nessas condições, os juros dificilmente baixarão e há sérios riscos de que subam até 14,0%", disse o gerente de um banco dos EUA.

No caso específico de melhorias obtidas pelo México em suas últimas operações com o mercado financeiro internacional, os banqueiros observaram que isso só foi possível devido aos excelentes resultados apresentados pelo programa de reajuste econômico desse país e não em função de alterações no panorama mundial.